REVISTA PERCURSO

A GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO E SUAS DISCUSSÕES: UMA REVISÃO TEÓRICO-BIBLIOGRÁFICA

Vanessa Manfio
Doutora em Geografia pela UFRGS, professora da rede municipal de Nova Palma-RS, pesquisadora do Mikripoli - Rede de Pesquisadores de Pequenas Cidades e Pós-Doutoranda em Geografia (UFSM)
vamanfio@hotmail.com

RESUMO: A Geografia da População é um ramo da geografia importante no âmbito da discussão sociedade e espaço. A sistematização deste acontece por volta de 1950, mas antes mesmo os geógrafos já abordavam os fenômenos populacionais e sua distribuição espacial. A Geografia da População engloba temáticas como crescimento populacional, fluxos migratórios, teorias demográficas, etc. Além disso, se integra estes conhecimentos aos outros aspectos espaciais, econômicos, políticos e sociais. Para a Geografia estes estudos devem ser qualitativos e quantitativos interrelacionando aspectos variados. Pensando nestas questões, este artigo buscou analisar obras bibliográficas que tratam os temas da Geografia da População, criando um resumo-análise disso. O objetivo central é discutir sobre aspectos importantes no surgimento e na abordagem da geografia da população, referenciando assuntos e acontecimentos populacionais. Como metodologia utilizou-se a análise qualitativa e a revisão bibliográfica. A expectativa deste artigo é tecer discussões, revisando assuntos e obras, contribuindo com os estudos geográficos da população. No entanto, é um assunto que não se esgota e cada vez mais é complexo e relevante.
Palavras-chave: Geografia da População. Transformações espaciais. Migração e crescimento populacional.

THE GEOGRAPHY OF THE POPULATION AND ITS DISCUSSIONS: A THEORETICAL-BIBLIOGRAPHIC REVIEW

ABSTRACT: Population Geography is an important branch of geography in the context of society and space discussion. This systematization takes place around 1950, but even before

that, geographers already addressed population phenomena and their spatial distribution. Population Geography encompasses topics such as population growth, migratory flows, demographic theories, etc. In addition, this knowledge is integrated with other spatial, economic, political and social aspects. For Geography, these studies must be qualitative and quantitative, interrelating different aspects. Thinking about these issues, this article sought to analyze bibliographical works that deal with themes of Population Geography, creating a summary-analysis of it. The central objective is to discuss important aspects in the emergence and approach of population geography, referencing population issues and events. As a methodology, qualitative analysis and bibliographical review were used. The expectation of this article is to weave discussions, reviewing subjects and works, contributing to the geographic studies of the population. However, it is a subject that does not end and is increasingly complex and relevant.
Keywords: Population Geography. Spatial transformations. Migration and population growth.

INTRODUÇÃO

A Geografia da População é um campo da ciência geográfica que discute temas pertinentes à dinâmica da população no espaço, na economia e política de um território. Ele envolve a compreensão do crescimento demográfico e da migração a partir de vários olhares e percursos. É uma subárea importante e que carece de estudos qualitativos.

A distribuição da População foi desde tempos remotos referenciados por geógrafos, ao passo que a sociedade evoluiu também novas discussões foram fazendo parte dos estudos de população e a geografia tendo um peso importante na análise dos dados estatísticos apresentados por órgãos de pesquisa. Pois, a geografia possui uma filosofia que envolve a abordagem espaço e sociedade.

Este trabalho pretende discutir sobre aspectos importantes no surgimento e na abordagem da geografia da população, mas também referenciar assuntos importantes na ótica da demografia geográfica. A intenção não é propor novas discussões, mas reforçar as antigas provocações propostas por outros autores.

Esta é uma discussão pautada na pesquisa bibliográfica, onde se utilizou como técnicas metodológicas a revisão de literatura e análise de obras sobre a temática do artigo. Optou-se, ainda, por uma análise qualitativa e uma discussão sobre os principais temas e contribuições da geografia da população. Quanto à revisão utilizou o Google Acadêmico e outras bases bibliográficas, como bibliotecas digitais de universidades. Na pesquisa que aconteceu aleatoriamente, foram estipuladas como palavras-chaves para pesquisa: crescimento

populacional, migração, transformações espaciais e população e Geografia da População. Foram encontrados materiais diversos (teses, artigos científicos, livros, anais e outros), dos quais foram lidos e analisados. Porém, alguns clássicos foram essenciais na elaboração do texto como a obra de Damiani (2015), George (1978), Olic (2005), Singer (1976) e Zelinsky (1974). Espera-se que este texto contribua para outras discussões sobre a População e sua conjuntura mundial.

1. DISCUSSÕES PERTINENTES AO ENTENDIMENTO DA GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO

A geografia tem trabalhado muito com a dinâmica populacional, pois esta é uma condição efetiva da relação sociedade e natureza. No entanto, o desenvolvimento da geografia da população marca o século XX, quando as necessidades de estudos ficaram ainda mais relevantes com a explosão demográfica e os fluxos migratórios mundiais. Neste momento, ocorre a estruturação da geografia da população e a sua institucionalização como subárea do conhecimento (BAILEY, 2005 apud SILVA; FERNANDES, 2016). Especificamente, a década de 1950 marcou uma virada nos estudos de geografia da população, com inserção dos estudos em livros, congressos e artigos, nas universidades e no desenvolvimento de órgãos de pesquisa, através da contribuição do desenvolvimento de técnicas de levantamento de dados da população e à sua disponibilização nos mais diversos países (NOIN, 2005).

Evidente que mesmo antes da institucionalização da geografia da população, os estudos demográficos já apareciam relacionados a outros estudos geográficos, demonstrando o interesse dos geógrafos nesta temática (NOIN, 2005). A geografia da população era praticada na interpretação de fenômenos populacionais por meio da análise da distribuição dos elementos naturais, da questão política, percebendo as influências do meio físico nas condições de adaptação da população e no seu desenvolvimento econômico (BAILEY, 2005 apud SILVA; FERNANDES, 2016). Na obra Princípios de Geografia Humana, de Vidal de La Blache a preocupação com a população já aparecia no discurso, relacionando as relações entre terra e homem, a distribuição da espécie humana na superfície terrestre, as proporções numéricas (DAMIANI, 2015).

No entanto, o período entre 1950 e 1970 foi a fase de amadurecimento da ideia de geografia da população, enriquecida pelos textos de diversos pesquisadores, tais como: Glenn

Trewartha, Pierre George, Beaujeu-Garnier e Wilbur Zelinsky (BAILEY, 2005 apud SILVA; FERNANDES, 2016). Este período transformou a ciência demográfica, principalmente nos avanços técnicos nos Estados Unidos e na Europa sobre os estudos demográficos, enfocando o crescimento populacional em países subdesenvolvidos, e a falta de alimentos, etc (Freitas, 2014). No Brasil, a criação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e o desenvolvimento dos estudos populacionais também marcaram este momento histórico, tendo Paul Singer e Amélia Luisa Damiani como alguns dos estudiosos que contribuíram para esta área do conhecimento.

A institucionalização da geografia da população levou ao raciocínio da sua compreensão entanto conceito e foco de pesquisa. A geografia da população seria o campo que estuda os movimentos migratórios, o crescimento da população e suas implicações socioespaciais e econômicas. Em Zelinsky (1974), a geografia da população estuda a distribuição dos elementos populacionais e como estes aparecem de forma diferenciada no espaço e no tempo e influenciam a dinâmica espacial. Pronto, Damiani (2015, p. 57) afirma que,

> [...] na análise geográfica da população, a demografia, além de contribuir nos procedimentos de quantificação dos dados brutos de população, definiu material estatístico de cunho mais qualitativo, que teria auxiliado a Geografia na caracterização econômica, e no esclarecimento de tensões decorrentes das questões econômicas, no interior de marcos espaciais específicos.

Segundo Polon (2018), os estudos clássicos de geografia da população representaram dados estatísticos classificados e quantificados. A geografia da população tinha um enfoque descritivo e ausente de análise, o homem estava posto no lugar, mas sem uma leitura da sua condição e trabalho (RUA, 1997; DAMIANI, 2015).

Porém, a geografia da população não é apenas quantificação de dados e sim a análise de várias vertentes que interagem com a dinâmica da população, os efeitos da população no espaço, na economia, na política e no meio ambiente, por exemplo são discussões pertinentes a este enfoque geográfico. George (1978, p. 07), afirma "a população do mundo, embora sendo uma realidade aritmética em mutação permanente, é também uma abstração geográfica, econômica e social".

Dessa maneira, a população precisa ser analisada integrada a outras áreas do conhecimento, dados e fenômenos socioespaciais. Rua (1997) faz esta análise quando aborda o tema população e fome. Para o autor existia a falta de alimentos e fome, mas estes não eram

apenas resultado da superpopulação, mas de outros aspectos como das condições financeiras, do capitalismo, entre outros (RUA, 1997). Então, não é possível apenas quantificar os dados populacionais e a fome e sim analisar a realidade local-regional e o contexto espacial.

Assim, "ambas as abordagens, tanto a numérica-estatística, quanto a crítica-reflexiva, são importantes e não se excluem" (POLON, 2018, p.81). Elas são complementarem e fornecem as bases para os estudos demográficos contemporâneos. Portanto, o papel da Geografia da População envolve a análise dos dados encontrados, a sistematização de informações, promovendo debates construtivos, bem como críticas aos problemas relativos à questão demográfica, apontando caminhos frente à estes problemas (POLON, 2018).

Os estudos populacionais envolvem, ainda, as características da população, as relações familiares, as questões conexas ao crescimento vegetativo das várias localidades, estudando também os conflitos decorrentes da dinâmica populacional (MORMUL, 2013). Além de entender a economia e o espaço vinculados à população. Atualmente abre-se novos discursos nesta geografia demográfica como ligados à saúde e ao meio ambiente. Lima (2011) chama atenção para relação da geografia da população e a geografia política, já que políticas interferem no espaço e na dinâmica da população, pois alteram a estrutura e distribuição demográfica. Dessa forma, a geografia da população contemporânea tem um longo caminho de discussão e grandes desafios.

Partindo deste giro entorno da consolidação da geografia da população pode-se perceber que alguns aspectos são importantes no discurso deste campo do conhecimento, entre eles: a distribuição irregular da população nos espaços da Terra. Sabe-se que existem espaços geográficos que atraem a população por suas características ambientais (clima ameno, relevo plano, condições hídricas, etc.), e pelas suas características de desenvolvimento (economia estruturada, infraestrutura, postos de trabalho e educação, acessibilidade e qualidade de vida entre outros), enquanto outros espaços são repelentes, isto é, de expulsão, como aqueles de frio intenso e desértico, ou de cordilheiras montanhosas ou ainda espaços de pobreza.

Como afirma Singer (1976), as áreas de origem dos fluxos migratórios são condicionadas pelos fatores de expulsão, por sua vez, os rumos destes fluxos, bem como seus destinos são influenciados pelos fatores de atração. Estes fatores e fluxos sempre fizeram parte da história da humanidade, todavia, o sistema capitalista alimenta estes fluxos, ao passo que cria barreiras ao desenvolvimento espacial em determinadas áreas do globo e favorece o

progresso em outras, expulsando a população que busca novas vagas de emprego e condições de vida (SINGER, 1976). A opressão do capitalismo, especialmente com a exploração de países pobres, as desigualdades econômicas e sub-exploração da mão de obra, acaba por piorar o desenvolvimento humano e, com isto, estes países sem oportunidades tornam-se espaços de repulsão da população, enquanto espaços desenvolvidos tornam-se atraentes para os imigrantes (SINGER, 1976). Este movimento é visualizado pela busca incessante da população de caribenhos e mexicanos pobres rumo aos Estados Unidos.

Não apenas o movimento da população representa o pano de fundo dos estudos da geografia da população, mas o ritmo de crescimento da população. A população mundial cresceu de forma moderada ao logo dos séculos até o século XX, quando as melhorias das condições médico-hospitalares e da renda contribuíram para o aumento significativo da população. Isto elevou as preocupações demográficas e os rumos do desenvolvimento econômico com as altas taxas de natalidade e baixas taxas de mortalidade mundial. Ainda, Silva e Fernandes (2016) mencionam que, na Segunda Guerra Mundial, com a reconstrução da Europa e a ascensão do mundo bipolar a população foi colocada no centro das preocupações mundiais, já que neste período houve “o aumento da taxa de natalidade pós-guerra, a demanda por mão de obra e as migrações internacionais transformaram-se em questões de interesse estratégico para os Estados” (SILVA; FERNANDES, 2016, p.2).

A respeito do aumento da população mundial, esta foi muito expressiva nos últimos dois séculos, onde no final do século XXI, as maiores populações do mundo concentravam-se: na Ásia, nos países da China, Índia, Indonésia, Bangladesch e Paquistão, bem como nos EUA e no Brasil na América (OLIC, 2010). O crescimento rápido da população levou à chamada explosão demográfica, implicando em políticas de controle da natalidade adotadas por muitos países, mais contundente no século XX. Por meio de medidas políticas, os países europeus e posteriormente outros países experimentaram a transição demográfica, ou seja, diminuição das taxas de natalidade e mortalidade, representando baixo crescimento populacional, porém alguns países da África Subsaariana e da Ásia ainda não viveram a fase de transição, continuando com taxas de natalidade elevadas (OLIC, 2005).

A preocupação com o crescimento demográfico na China, no século passado, por exemplo, desencadeou a Política do Filho Único e outras medidas de controle de natalidade, a fim de controlar a superpopulação que enfrentava problemas com fome (MENIN; BILLIG, 2022). Esta foi uma das medidas mais radicais adotadas por países no controle da natalidade e teve impactos profundos na sociedade chinesa (MENIN; BILLIG, 2022). Houve mudanças na

estrutura da família, com abandonos aos recém-nascidos femininos, abortos e mesmo preconceitos com filhas mulheres, ou mesmo a escolha de muitas famílias de não declarar o nascimento das filhas, já que a estrutura social chinesa tem tradição cultural para filho homem, além de famílias rurais reivindicarem o segundo filho em virtude das famílias numerosas auxiliavam nos afazeres rurais (MENIN; BILLIG, 2022; OLIC, 2005). Neste ponto acrescenta Menin; Billig (2022),

> A Política do Filho Único se tornou vítima do seu próprio sucesso, diminuindo drasticamente a fecundidade ao passar dos anos, aumentando o número de idosos que geralmente não atuam na produção da economia e geram gastos para o Estado. Ademais, de acarretar em inúmeros problemas sociais, visto que a hipótese de se ter apenas um filho fazia com que a as famílias preferissem bebês de sexo masculino, acarretando em abandono e infanticídio de bebês do sexo feminino (MENIN; BILLIG, 2022, p. 621-622).

Portanto, ao longo dos anos foram adotadas políticas para conter o crescimento demográfico e também minimizar os efeitos da pobreza mundial, algumas com sucesso, outras com efeitos não tão eficazes. O que se aprendeu na história da humanidade é a necessidade de estudos e políticas que atendam as realidades humanas, que diminuam as desigualdades sociais e tragam equilíbrio para o crescimento populacional.

Além de políticas, este período foi marcado por teorias demográficas. A primeira teoria foi a de Malthus. Segundo. Lucci et al. (2005, p. 316),

> [...] em 1798, o pastor protestante Thomas Robert Malthus escreveu a mais famosa obra sobre questões demográficas: Ensaio sobre o princípio da população. Ele acreditava que a população tinha potencial de crescimento ilimitado, e a natureza, inversamente, recursos limitados para alimentá-la.

Esta teoria pregava que a população crescia de forma rápida não acompanhando os recursos naturais e os alimentos. Assim, se não ocorrerem guerras, epidemias, desastres naturais etc., a população iria ter um crescimento elevado, superando a disponibilidade de alimentos e desencadeando a fome, pois para Malthus o crescimento era comparado a uma progressão geométrica (2, 4, 8, 16, 32...), enquanto a produção de alimentos seguiria uma progressão aritmética (2, 4, 6, 8, 10...) (FONTANA, et. al., 2015). A freada a este crescimento deveria vir do ‘controle moral’ a partir de abstinência sexual e o adiamento dos casamentos

(LUCCI et al., 2005). Esta foi uma teoria muito disseminada no século XX, mas com erros, principalmente pela falta de dados e pelas desigualdades entre países ricos e pobres (FONTANA, et al., 2015).

Já a teoria neomalthusiana responsabilizou os países do Terceiro Mundo, os pobres, pelo aumento da fome e miséria em função dos elevados crescimentos demográficos (Fontana, et al., 2015). Esta teoria mesmo com ideias diferentes chega à mesma conclusão dos malthusianos, isto é, o crescimento populacional promove a miséria e fome no mundo, sendo necessário programas de controle da natalidade nos países subdesenvolvidos (FONTANA, et al., 2015). A outra teoria difundida foi a Marxista que percebia que os países desenvolvidos exploravam os países pobres e com isto, acometia-se a fome e o crescimento populacional elevado nestes espaços, sendo necessário mudanças socioeconômicas (FONTONA et. al., 2025). Estas teorias, porém, foram rígidas, e pouco realistas contendo poucas análises ao crescimento populacional.

É importante considerar também que em muitos momentos da história da humanidade "episódios de fome, peste ou guerra" (LISBOA, 2008, p.84), tiveram "um papel explicativo de maior peso para a compreensão dos processos demográficos" (LISBOA, 2008, p.84). Estes representaram um elevado número de mortes e desencadearam um fluxo migratório. Isto aconteceu no século passado, mas neste século a pandemia o Covid-19 reforçou esta questão, a necessidade de se pensar a demografia, pois a mortalidade intensa fez com que muitos espaços perdessem consideravelmente parte da população. Estes episódios são marcados pela intensificação do desenvolvimento de políticas e estudos demográficos essenciais, engendrando a questão da saúde como um patamar importante no âmbito sociodemográfico.

Outro ponto importante na questão da dinâmica populacional foi o avanço da industrialização e a modernização do campo, nos séculos XIX e XX, porque estes processos implicaram num novo patamar demográfico, mundialmente. Para Seabra, (2014, p.192),

> [...] as transformações na base agrária, seja em decorrência da concentração da propriedade rural ou como fruto das tecnologias que racionalizam os processos produtivos, têm implicado na expropriação do campo e na manutenção de fluxos migratórios do campo para as cidades.

Logo, "a intensificação desse processo de deslocamento/expulsão da população do meio rural para o urbano" (OLIVEIRA; SANTOS, 2018, p.5), acontece principalmente pela substituição da mão de obra humana por maquinários e tecnologias que levou a migração de

famílias do campo numa condicionante de migração de repulsão (OLIVEIRA; SANTOS, 2018). Repulsão, pois a população se vê obrigada a sair e ir em busca de trabalho e qualidade de vida em outro lugar, principalmente nas cidades, onde as indústrias representam um polo de atração de trabalhadores.

Estes fluxos marcam as cidades e o crescimento demográfico urbano, onde em muitos países acarretou uma série de problemas sociais, como falta de moradia, emprego, queda da qualidade de vida, pobreza. Andrade (1998, p.57-58) explica que

> Nos países em desenvolvimento, o êxodo rural não constitui um problema, pois as cidades têm estruturas capazes de absorver esta mão-de-obra, fornecendo empregos, e, no campo, a agricultura, através da mecanização e da adubação, moderniza-se, aumentando a produtividade e diminuindo o emprego da mão-de-obra. Nos países subdesenvolvidos, porém, ocorrem problemas sérios: as cidades não têm condições de oferecer empregos estáveis aos migrantes que a elas chegam e estes passam a viver de serviços eventuais, ou pedir esmolas, ou ainda recolher restos nos depósitos de lixo, formando, nas próprias cidades ou nas áreas periféricas, um submundo que contrasta com os bairros ricos e de classe média.

Assim, estas migrações geram impactos nos processos de urbanização dos países em desenvolvimento, como a favelização (SARMENTO, 1996). No Brasil, o êxodo rural implicou no crescimento desordenado das cidades, levando ainda a uma metropolização, com concentração da população nos grandes centros (SANTOS, 2005). Estes centros hoje convivem com desemprego, favelas, pobreza, violência, congestionamentos e precariedades espaciais reflexos do êxodo e de conjunturas atuais do desenvolvimento.

Atualmente, os fluxos migratórios de outras ordens, como os deslocamentos internacionais também têm contribuído para o aumento dos problemas socioeconômicos e urbanos, especialmente de países em desenvolvimento. Com a migração tem ocorrido a segregação e a intensificação do trabalho informal. No Brasil, vê-se esta condição com a imigração de angolanos e haitianos, que convivem com a informalidade, na venda ambulante de produtos nos centros urbanos, especialmente nas grandes cidades.

Os deslocamentos migratórios em si não são um problema, pois migrar é um fato antigo e natural, mas os desafios estão na reinclusão dos migrantes, no espaço, na sociedade e no mercado de trabalho (MARTINS, 1998). Corraborra neste sentido Marandola (2011) quando diz que a vulnerabilidade dos migrantes em decorrência da falta de adaptação ao ambiente e à nova comunidade de moradia.

Os estudos de demografia, que trabalham com as questões de população e migrações, revelam a dinâmica social local e regional, mas também as realidades espaciais e as transformações socioespaciais evidenciadas pela dinâmica da população, qualidade de vida, fluxos migratórios e pela reorganização econômica e política. Segundo Barden, et. al. (2018, p. 247),

> As transformações socioespaciais podem ser analisadas, mesmo que parcialmente, a partir da sua dinâmica populacional. Esta dinamicidade pode ocorrer tanto como consequência das relações econômicas e sociais que se estabelecem em um determinado espaço, ou ainda, podem ser estimuladas através de movimentos migratórios ou por meio do desenvolvimento de políticas públicas, e ser as causadoras das mudanças.

Assim, o aumento da população, bem como a presença maior de crianças ou idosos, os fluxos migratórios pesam na organização dos espaços, especialmente das cidades, havendo a necessidade de novos equipamentos e serviços públicos, postos de trabalho, moradia para atender a dinâmica demográfica. Além disso, demanda a criação de novos bairros urbanos, meios de locomoção, vias de circulação, espaços de lazer e serviços médico-hospitalares.

Conforme Lobo, Soares e Carvalho (2020), os movimentos populacionais desencadeiam outros tipos de fluxos entre eles: investimento, tecnologia, experiência profissional etc., que alteram o espaço. Neste ponto não apenas os fluxos, mas a estrutura da população gera a instalação de fixos e fluxos, por exemplo, uma cidade com grande número de jovens atrairá escolas, universidades, enquanto cidades envelhecidas atrairão espaços de lazer, médico-hospitalares e postos de trabalho.

Já os fluxos migratórios atraem criação de mais espaços residenciais, emprego etc. Os espaços que perdem população precisam se adaptar a esta expulsão, entanto, os de intensa entrada de população passam a conviver com novos desafios. Assim "As transformações na dinâmica dos fluxos populacionais expressam a redefinição da polarização dos centros e, por conseguinte, a transformação da organização regional." (LOBO; SOARES; CARVALHO, 2020). Pois, existirá uma relação entre espaços, já que a migração também envolve relações entre pessoas, espaços e materializam aspectos de vida.

Os fluxos migratórios são, portanto, importantes na abordagem das transformações espaciais. Desde o passado foram condicionantes de mudanças espaciais e econômicas. Por exemplo, a vinda dos imigrantes italianos no século XIX ao Brasil promoveram o desenvolvimento da cafeicultura, do espaço rural, mas criaram condições para a constituição de

cidades, com o comércio e as técnicas manufatureiras artesanais que detinham, como alfaiataria, carpintaria, sapataria.

Não apenas os fluxos internacionais, mas no caso do Brasil as migrações nacionais ou chamadas de internas, foram importantes para ocupação espacial e desenvolvimento regional, em tempos remotos. Em Matos e Baeninger (2016), o Brasil teve fases ou ciclos de desenvolvimento econômico, dos quais as migrações internas favoreceram a ocupação do território, já que a população acompanhava as atividades econômicas que se instalavam no país, como a mineração, pecuária, cafeicultura, industrialização e expansão a fronteira agrícola.

Na contemporaneidade, estas migrações também possuem um peso importante, a população migra para áreas de crescimento de dinamicidade. Mas, observam-se migrações mais regionais, ou migrações diárias. Os ritmos diários de migrações da população que vive num espaço e trabalha ou estuda em outro requer políticas de transporte, mecanismos de conexão espacial, como ônibus, trens, metrôs, ampliação de rodovias, entre outros. Desse modo, as cidades precisam estar integradas, vinculadas em rede. Como Santos (1988) expõe, a rede urbana assegura a integração entre fixos e fluxos, entre aspectos territoriais e sociais, envolvendo população, economia, espaço e sociedade.

Ainda, sobre os fluxos contemporâneos, Coelho Neto (2020, p.362) afirma que,

> No atual momento histórico, a mobilidade populacional se tornou um apanágio dos lugares (que devem dispor de infraestruturas de circulação) para atender as exigências de competitividade territorial [...]. A população precisa estar móvel para se deslocar à procura dos lugares que ofertam empregos e contribuir para formação do exército industrial de reserva para a manutenção dos baixos salários.

A globalização em curso também promove a migração entre nações de trabalhadores que acompanham o deslocamento de empresas. Por exemplo, muitas empresas do Vale do Sinos, RS, têm migrado com filiais e investimentos em outros países, especialmente na China, o que promove o deslocamentos de trabalhadores gaúchos para China e o forte intercâmbio entre os espaços, aprofundados com fluxos de transportes e comunicações, neste ponto os espaços se inserem neste contexto global e são alterados pelas condições econômicas e demográficas.

Os fluxos migratórios trazem ainda uma estruturação cultural, já que criam novos espaços culturais, geram miscigenação étnica e cultural, pois cada grupo populacional leva consigo hábitos, danças-músicas e gastronomia.

Em outro ponto desta discussão, nos tempos passados "o fenômeno migratório era visto como um elemento fundamental para o equilíbrio das economias em mudança". (AZEVEDO; BEZERRA, 2022, p.29). Atualmente, algumas nações veem os fluxos migratórios como uma preocupação e ameaça ao desenvolvimento, vistos através da xenofobia de países da Europa e o EUA em receber imigrantes. Em Haesbaert (2014), as restrições políticas e territoriais para a entrada e acolhimento dos imigrantes nos Estados Unidos e em alguns países da Europa Ocidental, no século XXI, demostram a contraface da migração.

Antes de finalizar a presente discussão deste texto, é fundamental colocar que a transição demográfica em curso no mundo gera também mudanças sociais e espaciais como dito anteriormente. Conforme Carmo e Carvalho, (2020, p.105), as mudanças envolvem várias "áreas socioeconômicas, como previdência, saúde, educação, crescimento econômico, meio ambiente, entre outras". Essa transição é fruto de um novo comportamento populacional, as pessoas passaram a ter menos filhos, houve um rearranjo familiar, a entrada da mulher no mercado de trabalho, novas composições familiares, casamentos tardios, estilos de vida urbanos, com lazer e trabalho, o que contribuíram para queda da natalidade. Os hábitos mais saudáveis de vida e os recursos médicos ampliaram a esperança de vida da população (CARMO; CARVALHO, 2020). Neste ponto Carmo; Carvalho (2020) colocam que no Brasil a presença de idosos sadios e ativos tem mudado o patamar demográfico do país. Os idosos trabalham, estudam, passeiam, praticam esportes e participam de atividades culturais e artísticas e isto demanda investimentos nestes setores, no treinamento de profissionais, na disposição de lugares deste tipo nas cidades. Aspectos que alimentam o mercado do lazer e turismo e outros setores da economia.

Por fim, entender a geografia da população dos diversos lugares e relacionados aos aspectos e acontecimentos mundiais é cada vez mais imprescindível. Os estudos requerem abordagens variadas, porque a demografia não é um fato isolado. Logo,

> [...] entender as mudanças que acontecem na dinâmica demográfica de uma população, com suas possíveis causas, consequências e significados, é fundamental para o planejamento de políticas públicas que melhor preparem o território para o que já está em curso, e o que possivelmente acontecerá num futuro próximo (CARMO; CARVALHO, 2020, p.105).

A multiplicação de discussões e estudos populacionais podem permitir um diagnóstico social do mundo, que alinhados à planejamentos territoriais e ações políticas contribuirão para a diminuição das mazelas como fome, doenças, conflitos e pobreza.

CONSIDERAÇÕES

No âmbito das discussões geográficas, os estudos populacionais são importantes para compreensão da dinâmica humana no espaço-tempo. Dentro do campo da geografia da população o entendimento da distribuição da população, os fluxos migratórios e o crescimento demográfico impactam as condições sociais e também o meio ambiente. A demografia está relacionada aos temas ambientais, a geopolítica e economia.

Em tempos passados, a geografia trouxe contribuições para os saberes populacionais, agora na contemporaneidade, os desafios são múltiplos, assim um campo em expansão, principalmente na discussão dos fluxos migratórios que tem protagonizado a geografia da população.

No entanto, a geografia da população precisa superar a análise quantitativa dos estudos populacionais, não que os números e estatísticas não sejam crucial para os estudos, mas a análise qualitativa, interdisciplinar e contextualizada com o espaço, economia, política e outros temas ainda são poucos os estudos geográficos que analisam a realidade populacional, especialmente no caráter qualitativo.

O espaço e a sociedade precisam ser o pano de fundo da geografia da população para que os estudos geográficos da população não sejam puramente demográficos ou sociológicos. Entender, por exemplo, que a fome é um fenômeno maior que puramente relacionados ao crescimento populacional, mas relacionados ao capitalismo, a economia, a ao agronegócio exportador e ao espaço. Os fluxos migratórios, todavia, são resultado de uma geopolítica mundial, que envolve guerras, mudança de qualidade de vida, busca por melhores oportunidades, etc. Estes modificam o espaço e as relações sociais, além de estarem relacionados a xenofobia, cultura e direitos e vulnerabilidade.

Por tanto, a geografia da população é um campo importante e merece atenção dos geógrafos para o entendimento da relação sociedade-natureza e dos desafios mundiais, entendendo para além dos números, suas causas, relações e consequências. Através destes

estudos podemos acompanhar o diagnóstico social e contribuir com os planejamentos territoriais e sociais.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **Geografia econômica.** 12. ed. São Paulo, Editora Atlas, 1998.

AZEVEDO, A. C. de; BEZERRA, J. A. Mobilidade espacial da população: pressupostos teórico-metodológicos. **Revista Brasileira de Desenvolvimento Regional**, Blumenau, v. 10, n. 1, p. 23-45, 2022.

BARCELLOS, T. M. de; JARDIM T. M. de L. Migração e divisão social do espaço na região Metropolitana de Porto Alegre. **Indicadores Econômicos da FEE**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 121-136, ago. 2007.

BARDEN, J. E. et. al. Dinâmica populacional e transformações socioespaciais: uma análise a partir da região do Vale do Taquari/RS. **Geosul**, Florianópolis, v. 33, n. 66, p. 246-261, jan./abr. 2018.

CARMO, R. L. do.; CAMARGO, K. Dinâmica demográfica brasileira recente: padrões regionais de diferenciação. In: Monteiro Neto, A. (Org.). **Desenvolvimento regional no Brasil:** políticas, estratégias e perspectivas. Rio de Janeiro: Editora Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), 2020.

COELHO NETO, A. S. migrações, mobilidade da população (e do trabalho) e a covid-19: condicionantes e implicações. **Revista Pegada**, vol. 21, n.3, Setembro-Dezembro/2020.

DAMIANI, A. **População e Geografia.** 10ª Ed. São Paulo: Contexto, 2015.

FONTANA, R. L. M. et. al. Teorias demográficas e o crescimento populacional no mundo. **Ciências Humanas e Sociais Unit**, Aracaju, v. 2, n.3, p. 113-124, 2015.

FREITAS, P. P. de. Geografia da população: novas abordagens e possibilidades de estudo. In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS. **Anais...** Vitória-ES, 10 a 16 de ago de 2014. Disponíel em: http://www.cbg2014.agb.org.br/resources/anais/1/1403926483_ARQUIVO_GEOGRAFIADAPOPULACAO_artigo_PatriciaPonte.pdf. Acesso em: 26 de jul. de 2023.

GEORGE, P. **Geografia da população.** São Paulo: Dífel, 1978.

HAESBAERT, R. **Viver no limite:** território e multi/transterritorialidade em tempos de in-segurança e contenção. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014

LIMA, D. M. M. C. de. Geografia: ciência das conjugações. p.7-13. In: LIMA, D. M. M. C. de.; GOMES, S. P. (Org.).**Geografia política e geografia da população:** temas atuais. Natal: IFRN, 2011.

LISBOA, S. S. Os fatores determinantes dos novos movimentos migratórios. **Revista Ponto de Vista**, Viçosa-MG, v. 5, n. 1, 2008.

LOBO, C.; SOARES, R. S.; CARVALHO, P. F. B. Mobilidade espacial da população: Análise do fluxo de estudantes de nível superior nos centros regionais no interior de Minas Gerais. **Confins** [En ligne], n. 47, 2020.

LUCCI, E. A. et al. **Território e sociedade:** Geografia geral e do Brasil. São Paulo: Saraiva, 2005.

MARTINS, J. de S. O problema das migrações no limiar do terceiro milênio. In: SIMPÓSIO O FENÔMENO MIGRATÓRIO NO LIMIAR DO 3º MILÊNIO, DESAFIOS PASTORAIS. **Anais...** São Paulo, 1998.

MATOS, R.; BAENINGER, R. Migração e urbanização no Brasil: processos de concentração e desconcentração espacial e o debate recente. **Cadernos do Leste**, v. 1, n. 1, p. 342-385, 2016.

MENIN, L. V. C.; BILLIG, O. A. A política do filho único na China e seus impactos socioculturais. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação.** São Paulo, v.8.n.08. ago. 2022.

NOIN, D. **La Géographie de la Population**. Paris: Armand Colin, 2005.

OLIC, N. B. **Mundo contemporâneo**. 1ª edição. São Paulo : Moderna, 2010.

OLIC, N. B. Previsões da população mundial para a metade século XXI. **Revista Pangea**, 2005.

OLIVEIRA, A. M.S.; SANTOS, T. N. Os desdobramentos do processo de migração: dimensões e características. P. 1-19. In: 16º ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL. **Anais...** Vitória-ES, UFES, 2 a 7 de dez de 2018.

RUA, J. Repensando a geografia da população. **Geuerj**, Rio de Janeiro, n.1, 1997.

SANTOS, M. **A Urbanização Brasileira.** São Paulo: EDUSP, 2005.

SARMENTO, W. M. Migrações no Brasil – teoria e realidade. In: SARMENTO, W. M.; GMÜNDER, U. (orgs.). **Migrações no Brasil e no Mundo**. Salvador, Goether-Institut., 1996.

SEABRA, O. C. de L. Territórios do uso: cotidiano e modo de vida. In: GEU – Grupo de Estudos Urbanos (org.). **Cidades: Revista científica**. v. 1, n. 2. Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2004.

SILVA, R. V. Da; FERNANDES, D. M. Geografia da população: origens e perspectivas. In: XVIII Encontro nacional de geógrafos. **Anais...** São Luiz/MA, 24 a 30 de julho de 2016.

ZELINSKY, W. **Introdução à Geografia da População**. Tradução de Fausto Guimarães. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1974.

Enviado em 04/08/2023
Aprovado em 17/04/2024